

A individualização virou tendência na era da portabilidade?

Otávio Santos

otavioluis.santos@hotmail.com

Em meio ao intenso volume de estímulos sensoriais da sociedade urbana do século XXI, entre eles o sonoro, o cidadão metropolitano parece cada vez mais tender a buscar ferramentas que o permitam encontrar seu próprio espaço de isolamento. Frequentemente entre essas ferramentas estão as mídias portáteis. No entanto, parece precoce a afirmação que a busca pela individualização mediada tecnologicamente seja puramente prejudicial ou benéfica. Afinal, podem as mídias portáteis serem pontes que conduzem de fato à solidão? Pode-se afirmar que um indivíduo imerso no universo sonoro dos fones de ouvido está realmente privado das relações interpessoais? Este artigo busca refletir sobre a possível tendência à individualização no século XXI tendo as mídias portáteis como principal mediadora social.

Palavras-chave individualização; mídias portáteis; portabilidade; tecnologia

A sociedade urbana do século XXI coexiste com inúmeros estímulos visuais, sonoros e sensoriais. Frente à agressividade de incessantes estímulos é natural que em algum momento o indivíduo almeje um espaço para si, e só para si. Mas não somente um espaço geográfico privado, mas interior. Um momento de descanso, de desligamento das responsabilidades profissionais, da obrigatoriedade das relações interpessoais e da satisfação dada aos demais.

O alemão Georg Simmel (1950) foi um dos primeiros sociólogos a discutir a importância da individualidade nas grandes cidades. Simmel debate sobre a necessidade do habitante da metrópole de criar uma “bolha de individualidade”, a fim de se preservar do fluxo constante das mudanças que acomete os indivíduos do meio a que pertence. Afirma o autor:

Os problemas mais profundos da vida moderna derivam da demanda do indivíduo de preservar a autonomia e a individualidade de sua existência face às avassaladoras forças sociais, de herança histórica, das culturas externas e dos modos de vida. (1950: 409).

Em uma sociedade racional em que o intelectualismo e a matéria são o foco das atenções, e onde o indivíduo passa a agir “[...] com sua cabeça ao invés do coração” (1950: 410) pouco se considera o emocional. Simmel escreve:

Ao invés de reagir emocionalmente, o indivíduo metropolitano reage primeiramente de uma maneira racional. Desse modo a reação do habitante da metrópole aos eventos é movida a uma esfera de atividade mental menos sensível e mais afastada da profundidade da personalidade (1950: 411).

O sociólogo polonês Zygmunt Bauman (2003; 2013) compartilha da mesma reflexão que Simmel, por vezes parecendo até um pouco pessimista ao observar o turbilhão sensorial envolto em interesses individuais:

Em nossos dias, é óbvio que não se pode mais sustentar seriamente qualquer esperança real de fazer do mundo um lugar melhor para se viver; mas nos vemos tentados a salvaguardar (da moda, do “progresso”), ao menos por algum tempo, aquele lugar relativamente agradável, privado, que se conseguiu construir para si mesmo nesse mundo. (2013: 28)

Como meio de defesa a esse bombardeio de estímulos, procura-se então limitar ao máximo a quantidade de relações interpessoais. E essa iniciativa já aponta diretamente para uma das consequências da escuta em trânsito: a individualização.

Os fones de ouvido e a privatização da escuta

O som é uma das formas através das quais o habitante de uma metrópole é atingido diariamente. Mais do que atingido, agredido, e as mídias portáteis (aqui delimitadas a *smartphones*, *tablets* e *iPods*) podem funcionar como uma ferramenta de redução contra esses estímulos. Entretanto, o isolamento que é geralmente atribuído às mídias portáteis na verdade é concretizado pelos os fones de ouvido. A mídia portátil não torna a escuta restrita a seu usuário por si mesma, mas só se torna capaz de transformar uma escuta pública em privada através de tais aparatos.

Ao mesmo tempo, porém, em que tal fenômeno parece ser destrutivo para as relações interpessoais, ele também fornece meios de defesa ao ouvinte contra as agressões sonoras do ambiente e pode proporcionar convenientes momentos de reflexão. Talvez não haja medida certa ou errada, mas diferentes maneiras de se abordar a temática e experienciar o isolamento proporcionado pelas mídias portáteis, podendo esse ser benéfico ou prejudicial, conveniente ou inconveniente e comedido ou exagerado.

A individualização pessoal e compartilhada

Para uma melhor compreensão a respeito do tema, pensemos no processo de individualização a partir de duas óticas: a da experiência pessoal e a da experiência compartilhada. Ou seja, a partir do ponto de vista do usuário dos fones de ouvido e a partir da interação estabelecida por ele com o ambiente externo.

O psicólogo Rainer Schönhammer (1989), assumindo inicialmente o papel de agente externo – aquele que não está escutando a mídia portátil, mas testemunhando seu uso por um terceiro – relata que seu impulso primeiro ao avistar um sujeito na rua com fones de ouvido era o de uma repulsa quase involuntária, um incômodo o qual não sabia nominar. Em meio a uma multidão, o ouvinte parecia chamar mais a atenção do que qualquer outro indivíduo que não estivesse portando aparelho algum. O autor justifica sua atitude:

Muitas pessoas reagem da mesma forma que eu reagia. Elas julgam a pessoa com fones de ouvido como tola, infantil, imatura, ingênua, alheia, indisposta a se comunicar, egocêntrica, narcisista, autista, e assim por diante. (1989: 129)

A partir desse incômodo, Schönhammer se propôs a efetuar experimentos com o intuito de obter respostas mais palpáveis. Alguns, por exemplo, sugeriam que pessoas caminhassem primeiramente escutando suas mídias portáteis, e depois sem elas, relatando ao final a diferença entre as caminhadas.

O autor propõe que o estranhamento do indivíduo com fones de ouvido se dá pelo fato dele estar isolado. Ele não é *diferente*, mas se encontra *isolado*. E é esse isolamento que o transformaria em um estranho e comprometeria a relação entre os dois. Afinal, separação e isolamento são práticas comuns na vida comunitária, e todos os dias passamos por tais experiências nas ruas. Por que então o isolamento desse indivíduo seria problemático e incomodaria tanto? Para tentar responder

essa pergunta, Schönhammer propõe uma situação: imagine alguém que passa pela rua com seu grande rádio portátil nos ombros e uma música tocando em alto volume. Talvez gostemos da música. Mais provável, talvez, seria reclamarmos do barulho. No primeiro caso nada faríamos em relação a ele. No segundo caso o considerariamos antissocial. Mas ao contrário do indivíduo que usa fones de ouvido, aquele quebra barreiras invisíveis de separação ao invés de construí-las. O ouvinte com fones de ouvido habita em um mundo sonoro privado ao qual não temos acesso e tampouco podemos compartilhar. E isso pode ser justamente um dos fatores responsáveis pelo incômodo que o autor se refere. A respeito dessa impossibilidade de adentrarmos no universo sonoro alheio, ele observa:

Isso parece interromper uma forma de contato entre pessoas 'normais' que compartilham uma experiência mútua, mesmo se nela não há comunicação explícita alguma. As pessoas com fones de ouvido parecem violar uma lei não escrita de reciprocidade interpessoal: a segurança da presença consensual comum em situações compartilhadas. (1989: 130)

Em outras palavras, Schönhammer afirma que no caso do sujeito com um rádio em mãos, ainda que possa ser estabelecida uma situação não agradável de invasão sonora, alguma relação é estabelecida. No caso do ouvinte com fones de ouvido, não há compartilhamento algum de uma experiência que deveria naturalmente ser compartilhada. E essa privação é causa de desconforto. O estar excluído do universo alheio parece incomodar, pois uma prática humana tradicional – a da partilha – é violada.

O musicólogo Shuhei Hosokawa (1984) corrobora essa ideia quando afirma:

O que surpreendeu as pessoas quando viram o *Walkman* pela primeira vez em suas cidades foi o fato evidente de que se podia perceber que o ouvinte estava escutando alguma coisa, mas não se sabia o quê. Alguma coisa havia ali, mas escondida: era um

segredo. Até o aparecimento do *Walkman* as pessoas não haviam testemunhado uma cena em que um passeante ‘confessava’ possuir um segredo de forma tão distinta e óbvia. (1984: 177)

Novamente a curiosidade não-sanada parece incomodar e contraria a suposta lógica de reciprocidade social. Schönhammer conclui:

Não é absolutamente verdade que ouvir um *Walkman* em um volume alto não incomoda os demais. Pelo contrário, alguns dos entrevistados relataram sentir mais agressividade quando ouviam sons vazando dos fones dos usuários. Eu acredito que essa reação não seja desencadeada pelo mero efeito acústico do som percebido, mas pelo fato de que o que se ouviu foi somente o “resto” do universo sonoro de alguém. (1989: 135)

Perspectiva interna

Prosseguimos agora sob a perspectiva interna da escuta passeante, isto é, sob o ponto de vista de quem está entre os fones de ouvido.

A primeira perspectiva importante de ser analisada é a divisão de ambientes gerada a partir do momento que os fones de ouvido são colocados. Haja grande ou pequena interação na relação ouvinte-ambiente, uma separação é ocasionada, e a fruição dos estímulos passa a ser diferente quando as frequências começam a pulsar dentro dos fones. Uma nova experiência multissensorial acontece, e toda a interação passa a ter uma nova perspectiva tanto para o ouvinte quanto para os demais à sua volta.

Schönhammer descreve esse fenômeno como um momento em que “[...] a relação objeto-mundo é alterada para o ouvinte” (1989: 133), uma vez que “[...] o espaço habitado perde sua familiaridade, isto é, de alguma maneira é dividido em duas partes. O ambiente familiar o qual aquele

indivíduo conhece e pertence se torna subitamente estranho quando é separado de sua porção acústica” (idem).

Ou seja, a partir do momento em que o ambiente físico no qual o ouvinte se encontra é separado do aspecto acústico do mesmo, cria-se a perspectiva de dois ambientes distintos, um físico sobreposto a outro acústico, ocasionando ao ouvinte uma “[...] sensação concomitante de presença e ausência” (1989: 134). A partir dessa divisão se estabelece uma maior ou menor interação, pautada muitas vezes em intenções específicas do ouvinte, que resultará nas diferentes funções da escuta itinerante.

Não é possível afirmar categoricamente o grau de isolamento que o ouvinte se encontra quando escuta através de seus fones de ouvido. Muitos fatores influenciam nessa resultante, entre eles o volume da mídia, a vontade do ouvinte em interagir com o ambiente externo, a concentração do ouvinte no material sonoro, o grau de ruídos externos etc.

Alguns autores, como Adler (1999) e Negus (1992) acreditam ser possível um total isolamento e anulação do meio externo por parte do ouvinte. Outros, como Chambers (1994), Lind (1989) e Chen (1993) advogam por uma escuta privada, que pode ser limitada ou até certo ponto controlada, mas não completamente capaz de aniquilar o ambiente exterior. Chambers afirma que “[...] cada ouvinte seleciona e rearranja a paisagem sonora ao seu redor e, a partir da construção de um diálogo com ela, deixa uma marca nesse espaço” (1994: 50).

Um simples vazamento de som pelos fones de ouvido, por exemplo, já caracterizaria uma interação entre o usuário e os demais ao seu redor. Seria, na realidade, uma experiência ambivalente, sendo ao mesmo tempo uma interação privada e pública, compartilhada e solitária.

O jornalista Steve Connor (1999), ao discutir sobre as interações do ouvinte com o ambiente afirma:

[...] a experiência do *Walkman*, a intoxicação do *Walkman*, vem do fato de que, para o usuário, ele não está abstraído do local

pelo qual ele caminha, ou do metrô que está sentado. O ouvinte do *Walkman* está frequentemente abrindo espaço para uma oportunidade de integração entre os sons recebidos, sobre os quais possui controle, e os sons externos que está escutando. (1999: 308)

Ou seja, para Connor a experiência de se ouvir em público não é solitária, mas permite a integração com o ambiente.

Portabilidade e solidão

Após tal discussão, seria correto afirmar que as mídias portáteis contribuem para a solidão dos ouvintes?

Simmel (1950) já falava a respeito da necessidade dos habitantes metropolitanos em achar seu próprio espaço em meio ao bombardeio de estímulos urbanos. No entanto, a radicalidade nesse “ausentar-se” pode ocasionar também um problema, exatamente contrário ao primeiro. Ou seja, a fim de diminuir o contato com os estímulos exacerbados do cotidiano, o indivíduo corre o risco de se fechar em seu universo, restringindo suas relações interpessoais a um patamar próximo do patológico.

Robert Crane (2005), pesquisador da psicologia, desenvolveu uma pesquisa relacionando a utilização de aparatos portáteis de apreciação musical com o chamado “distanciamento social”¹ e solidão. A pesquisa consistiu basicamente em reunir um grupo de jovens estudantes em idade universitária e pedir para que cada um monitorasse por um período determinado a quantidade de horas por dia (e posteriormente por semana) que gastavam escutando sua mídia portátil. A constatação foi a de que o isolamento social se mostrou significativamente maior em usuários mais assíduos de tais mídias do que em usuários moderados ou que pouco se utilizavam dessa tecnologia.

¹ Termo utilizado pelo próprio autor em sua pesquisa.

Não somente as relações interpessoais parecem ser afetadas pelo advento das mídias portáteis, mas a popularização dos fones de ouvido pode também estar revelando uma maior separação psicológica entre os indivíduos (MOEBIUS e ANNEN, 1994). Esses autores, assim como Christine Rosen (2005), acreditam no impacto que os *smartphones* e demais *gad-jets* possam ter no processo de individualização. Rosen escreve:

[...] porque o *iPod* é uma tecnologia portátil, assim como o telefone celular, ele tem um impacto no espaço social que nem mesmo o *TiVo* teve. Aquelas pessoas com os fios brancos pendurados no pescoço parecem estar apreciando sua exclusiva trilha sonora, mas também estão praticando a “presença ausente” em espaços públicos, prestando pouca atenção, se alguma, no mundo exatamente ao seu redor. (1995: 66)

Michael Lerner (1986) também discorre sobre a solidão, e as facilidades encontradas pela sociedade em adentrar nesse redemoinho:

[...] nossa sociedade cria um leque de condições nas quais as pessoas estão sempre sendo abandonadas, e nas quais é extremamente difícil se encontrar a força necessária e essencial para manter uma saúde psicológica apropriada. Os seres humanos precisam uns dos outros, e nossa mais profunda essência se dá no relacionamento com o outro (1986: 176)

Partindo desse pressuposto, podemos inferir que independente do grau de envolvimento com a escuta, a partir do momento em que fones de ouvido são colocados, a interação social já é em algum nível comprometida. Conforme o envolvimento do indivíduo com sua mídia, e a intensidade de sua utilização, essas relações com os demais podem adquirir um grau de gravidade maior ou menor.

Essa afirmação de Lerner vai diretamente ao encontro da conclusão de Crane (2005), que constatou um maior nível de distanciamento social entre os usuários assíduos das mídias portáteis.

Pode-se concluir, assim, que a individualização é uma realidade, senão uma tendência do século XXI que pode ser facilmente ampliada pelas mídias portáteis e os fones de ouvido, ressaltando que essas por si só não trazem como objetivo principal a geração e propagação de tal fenômeno. Soma-se a essa individualização a transitoriedade da sociedade contemporânea, e tem-se como resultante um indivíduo que cada vez mais caminha entre lugares e não-lugares², em “[...] um mundo assim prometido à individualidade solitária, à passagem, ao provisório e ao efêmero...” (AUGÉ, 1994: 74).

Referências

- ADLER, E. 1999. *Culture Hasn't Been the Same Since Portable Stereo*. 28 de março de 1999. Disponível em: <<http://www.reporternews.com/1999/features/culture0920.html>> Acesso em 14 mai. 2011.
- AUGÉ, M. 1994. *Não-Lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade*. São Paulo: Papirus.
- BAUMAN, Z. 2003. *Modernidade Líquida*. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar.
- _____. 2013. *A cultura no mundo líquido moderno*. 1º ed. Rio de Janeiro, RJ: Zahar.
- CHAMBERS, I. 1994. *Migrancy, Culture, Identity*. London: Routledge.
- CHEN, Shing-Ling. 1993. *The Self, the Community, and the Electronic Media*. Tese de doutorado, University of Iowa, Iowa.
- CONNOR, S. 1999. “... or a New Creative Medium?” In: *Settling the Score: A Journey Through the Music of the 20th Century*, M. Oliver (Org.). London: Faber and Faber, 307-308.
- CRANE, R. 2005. *Social distance and loneliness as they relate to headphones used with portable audio technology*. 2005. Dissertação de Mestrado em Psicologia, Humboldt State University, Humboldt. Disponível em: <<http://humboldt-dspace.calstate.edu/handle/2148/28>>. Acesso em 04 fev. 2014.

² Termo utilizado por Marc Augé na obra *Não-Lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade*, de 1994. Refere-se a um espaço “que não pode se definir nem como identitário, nem como reacional, nem como histórico” (p. 73). Ou seja, lugares de transitoriedade, como aeroportos, hotéis e mercados, onde o definitivo não encontra espaço.

- HOSOKAWA, S. 1984. "The Walkman Effect." *Popular Music* 4: 165-180.
- LERNER, M. 1986. *Surplus powerlessness*. Oakland, CA: The Institute for Labor and Mental Health.
- LIND, R. 1989. *You Can Take It With You: Uses and Gratifications of the Personal Stereo*. Dissertação de mestrado, University of Minnesota, Minnesota.
- MOEBIUS, H.; MICHEL-ANNEN, B. 1994. *Colouring the Grey Everyday: the Psychology of the Walkman*. *Free Associations*, vol. 4, 570-576.
- NEGUS, K. 1992. *Producing Pop: Culture and Conflict in the Popular Music Industry*. London: Hodder and Stoughton.
- ROSEN, C. 2005. The Age of Egocasting. *The New Atlantis*. Washington, p. 51-72. jun. 2005. Disponível em: <<http://www.thenewatlantis.com/publications/the-age-of-egocasting>>. Acesso em 11 jun. 2013.
- SCHÖNHAMMER, R. 1989. The Walkman and the Primary World of the Senses. *Phenomenology and Pedagogy Journal*. Alberta, p. 127-144. Disponível em: <<https://ejournals.library.ualberta.ca/index.php/pandp/article/view/15091/11912>>. Acesso em 10 abr. 2014.
- SIMMEL, G. 1950. The Metropolis and the Mental Life. (1903). In: WOLFF, K. *The Sociology of Georg Simmel*. Trad. Kurt Wolff. Illinois: The Free Press. p. 409-424.